

NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA METÁFORA SOBRE O DIZER NA REDE

Lucília Maria Sousa Romão¹

RESUMO: Esse artigo pretende, a partir da noção de discurso, memória e arquivo de Michel Pêcheux, do conceito de heterogeneidade de Authier-Revuz e da narrativa “*Alice no país das maravilhas*” de Lewis Carol, indagar e discutir a topologia do hipertexto. Também coteja uma reflexão sobre o sujeito da linguagem e como ele (se) inscreve socialmente sentidos na rede. Esse trabalho faz parte de um Projeto Universal de Pesquisa/ CNPQ e Projeto Individual de Pesquisa, processo 04/14995-5, apoiado pela FAPESP.

PALAVRAS-CHAVES: sujeito, discurso, memória, heterogeneidade, hipertexto.

ABSTRACT: That article intends, starting from the speech notion, memory and file of Michel Pêcheux, of the concept of heterogeneity of Authier-Revuz and of the narrative "Alice in the country of marvels", of Lewis Carol, to investigate and to discuss the topology of the hipertext. It also compares a reflection on the subject of the language and like him (if) he enrolls senses socially in the net. That work is part of an Universal Project of Research / CNPQ and Individual Project of Research, process 04/14995-5, leaning for FAPESP.

KEYWORDS: subject, speech, memory, heterogeneity, hipertext.

¹ Professora Doutora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

“(...) o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projetar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições...”

José Saramago

No presente trabalho, proponho-me a desenhar uma reflexão sobre o discurso na rede eletrônica, que, qual uma estrela de mil pontas, cria condições para a emergência do sujeito e dos sentidos de um modo diferente daquele associado ao universo da escrita impressa. Preocupada em definir e discutir a topologia da Internet e do hipertexto, busco compreender como a narrativa “*Alice no país das maravilhas*”, de Lewis Carroll, é fecunda para fazer falar o sujeito-navegador, no entremeio de passagens, portas, fechaduras, links e conexões de espaços que se seguem em uma seqüência não linear e em um vai-e-vem de poções, que ora fazem as noções de tamanho, de grande e pequeno, de dentro e fora, de avesso e direito, serem ressignificadas. Também me interessa observar como os poros abertos do espaço da ficção combinam-se com o ciberespaço, no primeiro caso, onde a personagem passeia à procura de uma saída, sofrendo cada encruzilhada, diálogo e personagem como resultado de uma queda acidental em um buraco negro e fundo e, na rede, passeando pelo puro prazer de navegar, deslocar-se sem rumo nem necessidade (e sem busca) de saída, muitas vezes sem outra preocupação a não ser a de um flaneur. Apoiada na Análise do Discurso de matriz francesa e, especialmente amparada por Pêcheux e Authier-Revuz, discuto a navegação como a possibilidade de os sujeitos inscreverem discursivamente suas fantasias, assim, debruço-me sobre a textualidade eletrônica com o

propósito de interpretar alguns closes das “*marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições*”.

OS POROS ABERTOS DA NARRATIVA E DO CIBERESPAÇO:

à procura de uma passagem

“ ‘*Acho que infelizmente não posso me explicar, minha senhora*’, disse Alice, ‘*porque já não sou eu, entende?*’ ”

Lewis Carroll

A história poderia ter como mote as peripécias de uma menina curiosa, que indaga, polemiza, desautoriza regras e questiona a realidade, enfrentando desafios para os quais têm que dar resposta sozinha, posto que caiu em um poço escuro, fundo e desconhecido. Inconformada pela atitude da irmã, que se delicia com um livro sem diálogos e sem figuras (não sem antes indagar: “*e de que serve um livro sem desenhos ou diálogos?*”), a menina vive estranhas experiências, muda de tamanho diversas vezes, ouve bichos a conversar, encontra-se com rei e rainha de verdade, vê cartas de baralho pintando as flores de vermelho, depara-se com objetos que falam e são dotados de poderes extraordinários. Talvez pela tematização da angústia, derivada de tantas mudanças e pelo desconhecimento das regras que geram esse novo país cheio de maravilhas, a obra tenha uma contra-indicação no verso: “*O mais estranho e fascinante livro para crianças (só para crianças?)*”.

O passo inicial da trama foi dado quando da tentativa de capturar um coelho branco e a entrada “*no que parecia ser um poço muito escuro*” (2005:13), mas, para além da fundura e escuridão, chama atenção a ausência de referenciais de altura e direção, o que leva a personagem a se confundir, afinal, estaria caindo ou subindo? Nas paredes do tal poço, havia diversos “*guarda-louças e prateleiras de livro (...) Para baixo, para baixo, para baixo. A queda nunca ia chegar ao fim?*” (Carroll, op.cit.:14). A falta de apoio do corpo na terra ou em uma superfície que lhe dê ancoragem faz com que a personagem flutue e, em posse dessa sensação, promova perguntas e questionamentos para as quais ela não tem resposta: “*como ela não sabia a resposta para nenhuma das perguntas, tanto fazia a ordem que lhes dava.*” (op.cit: 16).

E talvez seja justamente essa mudança na ordem, seqüência e organização do caminho, do texto e dos atos de linguagem o que se experimenta na rede eletrônica: as passagens para um outro lugar e o gesto de clicar rumo a uma outra página, ainda que não se saiba exatamente o que estará inscrito nela, alimentam uma nova maneira de o sujeito se deslocar e se constituir e, para continuar a movimentar-se, será preciso ora beber o líquido de uma garrafa, ora comer o pedaço de um bolo, sempre buscando uma nova estratégia e chave para abrir e destrancar as fechaduras eletrônicas, que são várias. O afã de passar adiante, de não ficar em uma única cena, de não se satisfazer com o cenário em que está e de experimentar o rigor das passagens e trânsitos é o que marca a posição-sujeito navegador (Romão, 2004a).

O nó temático da narrativa infantil e do hipertexto é a passagem sempre constante para outra cena, seja ela do passado ou uma antecipação do futuro, que, no presente, volta a ser significada; seja a passagem para um minuto que, mais à frente, será vivido como conflito derivado de a personagem ter passado por/para um espaço, seja momento de entretenimento ou prazer e angústia. O que se move é a dimensão dos pórticos, arcos, passagens, portas e janelas,

que ganham evidência não só pela indicação de um deslocamento febril de cenas, mas, sobretudo, pela representação imaginária que traçam, para Alice e para o sujeito, de que é possível estar em permanente estado de trânsito, deslocar-se sem medida, entrar em qualquer lugar, atravessar qualquer passagem (até as mais apertadas) e ganhar espaços sempre novos e outros sem censura (Romão, 2004b).

Para Alice tal proeza se repete a cada desafio novo e a cada novo cenário: *“Alice já estava acostumada a esperar apenas coisas extraordinárias que lhe parecia bastante monótono e estúpido que a vida continuasse no ritmo normal”* (2005:22). O tamanho de seu corpo já não oferece resistência a transformações, podendo diminuir e fazendo-a experimentar o tamanho de um pequeno animal, prendendo-a em uma casinha minúscula, aliás, um movimento amébio, de mover-se ao sabor da solução aquosa em que está, gera uma con-fusão de identidade. Com o corpo diminuto em ambiente bem pequeno, a personagem vê detalhes que lhe escapavam em seu corpo de menina, observa closes, investiga a realidade a partir de um tamanho que não lhe é próprio e que, por isso mesmo, desafia o seu olhar e causa estranhamento: *“ter muitos tamanhos num mesmo dia é muito confuso”* (op.cit.:61)

Também o inverso ocorre. Com a degustação de um pedaço de bolo, a menina torna-se um gigante enorme e irreconhecível, com um pescoço imenso e uma cabeça pequena a olhar paisagens que a vista não alcançava antes, a alcançar com as mãos regiões que lhes eram proibidas. Arrisca-se quando começa a chorar e provoca tal enchente, que é quase morta por afogamento nas águas de suas próprias lágrimas.

“Como tudo é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu

era a mesma quando levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: quem é que eu sou? Ah, essa é a grande charada”. (op.cit: 26)

Tais metáforas, na ficção, antecipadoras de uma possibilidade empírica de mudar de corpo no espaço, fazem falar algo que, na rede eletrônica, é experimentado de um modo simbólico. A vivência de papéis, posições e identidades nem sempre ligadas ao real, que podem se manifestar sem a explicitação do rosto, da voz e do corpo; assim sendo, pode-se falar de um modo descompromissado de como a fantasia reveste-se, pode-se alongar o corpo e mudá-lo ao sabor da imaginação, pode-se enunciar de um ponto distante daquele delimitado pelas condições materiais da enunciação, pode-se dizer fazendo de conta que se é minúscula criatura e monstruoso gigante em pouco intervalo de tempo.

O jogo de representações imaginárias, proposto por Pêcheux (1969), ajuda a refletir não só o que Alice vive na ficção, mas o modo como os sujeitos deslizam na malha digital: que imagem o internauta faz do outro para o qual fala? Qual imagem supõe que o outro faça dele com interlocutores? De que modo o sujeito se vê ao falar para o outro que supõe ser x? Ou seja, a grande charada da discursividade eletrônica é esse lego imaginário de posições-sujeitos, que constituem-se em um ambiente não delimitado pelo tempo da história e pela noção de geografia que constitui o impresso (um jornal impresso tem, no mínimo, o nome da cidade, editor, data da impressão, horário do fechamento da edição etc). O permanente e tenso deslocamento no ciberespaço – cheio de tocas de coelho branco – cria condições para o sujeito construa a sua

discursividade na fugacidade, também marcada pela possibilidade de dizer e escrever, na tela, a fantasia que lhe é interdita na realidade.

Há um risco de um silenciamento sobre as condições sócio-históricas (Pêcheux, 1982) dos dizeres e uma tecnologização da leitura, perigos que o autor antecipa em seu último trabalho (Maldidier, 2003). A fala de muitos internautas, em blogs, salas de chats, orkut, sites, abre um vazio a cerca do “quem fez essa página?”, “de onde vem o autor?”, “de qual país, classe social, cidade ele é?”, “pertence a algum grupo étnico, partido, igreja?” etc. Tais perguntas, que antes faziam ferver a inquietação dos leitores a respeito do autor de uma determinada obra literária ou de uma edição impressa, agora transmudam-se em questões mais complexas, posto que muitos textos e sites são anônimos, clonados de outros sites e plagiados de autores consagrados ou também anônimos. Além disso, corre-se o risco de ler a rede do ponto de vista de um olhar meramente técnico, preocupado com a formatação da mesma, sem levar em conta a questão política de se trabalhar com arquivos informatizados, questão que envolve perguntas a respeito das imagens e representações colocadas em jogo, do efeito de naturalização de um modo de dizer, da “seleção” dos dados a serem disponibilizados, do sujeito manifesto na ordem da língua, do papel da memória para a atribuição dos sentidos (Pêcheux, 1999), enfim, do discurso.

Diante disso, tomo emprestada a voz de Alice, em diferentes momentos da narrativa, para manifestar quão novos complexos são os gestos de interpretação, leitura e escrita do discurso na rede, inscritos pela noção de rapidez, interatividade e fragmentação:

“(...) eles começavam a correr quando desejavam, e desistiam quando desejavam, por isso não era fácil saber quando a corrida tinha chegado ao fim” (op.cit:39)

“E agora qual é um e qual é outro?” (op.cit:67)

“O lugar não importa muito..., disse Alice (...) ... desde que chegue a algum lugar (...)” (op.cit:84)

“Como são intrigantes todas estas mudanças! Nunca sei ao certo o que vou ser no próximo minuto! (op.cit.:72)

Tais recortes indiciam o jogo de sujeitos, representações imaginárias, formações ideológicas e discursivas em um ambiente virtual, marcado pelos flashes dos cliques e pela noção de hipertexto, conceito entendido por Marcuschi (1999:21-22) da seguinte maneira:

“O termo hipertexto foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma escritura eletrônica não-seqüencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de

escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, realizado em um novo espaço.”

Também Wandelli (2003:35) discute o hipertexto como uma estrutura sem uma ordem linear, garantida por rápidos movimentos de deslocamento do leitor por entre nós, redes e links, marcados por “*focos provisórios ou instáveis de interesse*”:

“Recursos paratextuais e links (sinais, marcas, palavras que explicitam a ligação entre pontos distantes) encorajam o leitor a se mover de um intertítulo a outro de forma não-seqüencial, a fazer suas próprias conexões, incorporar seus próprios links e a produzir seus próprios percursos. ”

Assim, o deslocamento do sujeito de link em link tende a criar mais a aventura da navegação do que o desejo do destino final, dialogando com o passeio ficcional de Alice em meio a passagens desconhecidas, a percursos inéditos, a inúmeras portas com fechaduras e a situações de trânsito e transformações, muitas vezes vividas na própria pele da personagem. O fio promotor da seqüência nos entremeios dos links pode sofrer quebra a qualquer momento e isso cria um efeito de leitura deslocante, de ruptura freqüente, de imagens galopantes sem freio e de palavra que mais deriva do que é amarrada (Romão, 2004b).

Para dar conta da nova inscrição social dos sujeitos e dos sentidos, faz-se necessária a acuidade de observar a textualidade eletrônica a partir de uma outra ordem de leis, diferente daquela que rege o impresso e que dita os mecanismos de coesão, coerência, unidade, gênero

textual etc. Isso porque se é verdade que, na folha de papel em branco, existe uma delimitação para o dizer e um recorte do espaço físico a ser preenchido, também é válido afirmar que a página com o hipertexto, teoricamente, comporta inúmeras outras páginas, entradas e/ou saídas para/de um dizer, rompendo com toda ordem de limitação física do papel, visto que ele triplica-se em vários papéis. Assim, há folhas diversas desencadernadas, sopradas no vento do ciberespaço e espalhadas em direções incontroláveis, recuperando a dimensão de que as tocas de coelho com túneis escuros e fundos espalharam-se muito além da imaginação de Alice.

Tanto na narrativa das maravilhas quanto no hipertexto, não é possível ter a noção de inteireza, unidade e completude, não há meios de sobrevoar toda a área para um reconhecimento geral, não existe possibilidade de executar uma ação tão familiar quanto folhear um livro todo, percorrendo com o dedo o seu dorso, folha de rosto, capa, rodapé etc. Não há nada além do recorte da janela, atrás da qual está a rede inteira, escondida e submersa na opacidade e extensão desconhecida. Vê-se uma página de cada vez, sem saber ao certo qual é o fio que a prende a um livro inteiro e talvez nem mesmo livros inteiros existam mais... Quanto ao navegador, resta-lhe o prazer de provar os pedaços sem a dimensão do todo, de experimentar as margens sem reconhecer o centro, de andar sobre fios imaginários sem o apoio das vias reais do papel e, enfim, de equilibrar-se nos desvãos dos nós e pontos de uma rede que não se vê a urdidura.

Vale marcar que, em tais condições de produção, o sujeito empresta a voz do outro (Schneider, 1990), plagiando-o e roubando-lhe o dizer; perde-se em rotas de navegação não traçadas e mal definidas, entrando por atalhos de links que não levarão a lugar nenhum, apenas aumentarão as horas de conexão e definirão mais e melhor o papel do navegador sem rumo; por fim, tende a apresentar o seu dizer de modo mais heterogêneo (Authier-Revuz, 1990), envolto pela velocidade dos acessos e pelo vazamento dos sentidos no entre-cliques.

Muitas vozes misturadas e imbricadas em um mesmo dizer; tantas mudanças de identidade, tamanho e posição garantidos pelo imaginário que pode fazer flutuar a palavra como Alice ao cair no túnel; vários pórticos para atravessar e passar adiante sem que se saiba o mapa do terreno onde se pisa ou se surfa; tantos roubos, empréstimos e tomadas, que já não se consegue desenrolar nem rastrear os dizeres: na ficção, Alice acorda de um sonho (ou pesadelo), conversa com a irmã (que está acordada, passa a imaginar o sonho de Alice e, ao imaginá-lo passa a sonhar as mesmas cenas que a irmã quando adormecida) e sai correndo. Na rede, o internauta desconecta-se, sai do mundo que a tela lhe propiciou criar e que se oferece à visão; afasta-se do que ele inscreveu de sentidos para si e para o outro; desveste-se da virtualidade e da posição de navegador errante e desliga o monitor. Com o apagamento da luz, elabora-se uma outra forma de despertar so sonho e da fantasia e, assim, o país das maravilhas adormece até a próxima conexão.

BIBLIOGRAFIA:

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Cadernos de estudos Lingüísticos n.19, Unicamp, 1990.
- CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.
- MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: Línguas e Instrumentos Lingüísticos. 3, Campinas: Editora Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. IN: Gestos de leitura, Orlandi, Eni. (org) Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. IN: Papel da memória, vários autores. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (1969) In: GADET, F e HAK, T. (org.) Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Na teia eletrônica, fragmentos da memória. In: Giros na Cidade: materialidade do espaço. Morello, Rosângela (org), Campinas: Editora da Unicamp, Labeurb, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Nós, desconhecidos, na grande rede. Revista Linguagem em (Dis)curso vol5, n.1, 2004.

SCHNEIDER, Michel. Ladrões de palavras. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

VANDELLI, Raquel. Leituras do hipertexto- Viagem ao dicionário Kazar. Florianópolis/ São Paulo: Editora da UFSC/ Imprensa Oficial, 2003.